

NARRATIVAS E SUBJETIVIDADES: POSSIBILIDADE PARA O ENCONTRO INTERCULTURAL

NARRATIVAS Y SUBJETIVIDADES: POSIBILIDAD PARA EL ENCUENTRO INTERCULTURAL

Elisane Andressa Kaiser da Silva ¹

Mariana Cortez ²

Resumo: Este artigo propõe-se a refletir sobre a dimensão socializadora da literatura e sua potência para o encontro intercultural. A proposta é discutir sobre as narrativas em sua dimensão estética para a promoção de uma sociedade mais justa e sensível ao “outro(a)”. Propõe-se a mediação de leitura literária como recurso para a socialização de seres e saberes para agir sobre as realidades e construir novos caminhos em contextos diversos, especificamente, em realidade empobrecida materialmente, mas com fortes tradições culturais. As reflexões de Teresa Colomer (2007), Michèle Petit (2009), Antonio Candido (1995), Paulo Freire (1987), Catherine Walsh (2005) e Vera Maria Candau (2012) fundamentam o debate e contribuem para a problematizar as questões apresentadas.

Palavras-chave: Narrativas. Interculturalidade. Mediação de Leitura.

Resumen: Este artículo pretende reflexionar sobre la dimensión socializadora de la literatura y su poder de encuentro intercultural. La propuesta es discutir las narrativas en su dimensión estética para promover una sociedad más justa y sensible al “otro”. La mediación de la lectura literaria se propone como un recurso para la socialización de los seres y el conocimiento para actuar sobre las realidades y construir nuevos caminos en diferentes contextos, específicamente, en la realidad materialmente empobrecida, pero con fuertes tradiciones culturales. Las reflexiones de Teresa Colomer (2007), Michèle Petit (2009), Antonio Candido (1995), Paulo Freire (1987), Catherine Walsh (2005) y Vera Maria Candau (2012) apoyan el debate y contribuyen a problematizar las preguntas planteadas.

Palabras claves: Narrativas. Interculturalidad. Mediación de Lectura.

-
- 1** Professora e Mediadora Cultural. Possui o curso de Formação de Docentes, graduação em Letras-Artes e Mediação Cultural (UNILA), Mestrado em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana e Formação Pedagógica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Atualmente é professora na Rede Municipal da Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1508000912419406>. E-mail: elisanekaiser@gmail.com
 - 2** Docente na Universidade Federal da Integração Latino-americana da área Letras/Linguística, na graduação e do mestrado em Literatura Comparada (PPGLC). Docente colaboradora do mestrado PROFLetras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2008), projeto fomentado com bolsa sanduíche (CAPES) - estágio de doutorado no exterior, Portugal (UTAD). Mestre em Semiótica e Linguística Geral (2001) pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual Paulista (UNESP - Presidente Prudente). Bolsista de Produtividade Desenvolvimento, Tecnologia e Extensão Inovadora do CNPq - Nível 2. Tem experiência na área de Letras. Coordenadora do projeto: “Vivendo Livros”. Atua principalmente nos seguintes temas: Biblioteca escolar e comunitária, Mediação de Leitura, Literatura e Ensino e Literatura Infantil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7945402327825503>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2257-557X>. E-mail: mariana.cortez@unila.edu.br

Introdução

Ao observar as realidades brasileiras, percebe-se um contexto marcado por desigualdades materiais e de oportunidades, por isso, discutir sobre contextos educacionais formais ou não formais é fundamental, considerando a importância de ampliar repertórios e oferecer caminhos não imaginados em comunidades empobrecidas materialmente, mas com fortes vínculos com as tradições culturais. Conforme Antônio Cândido (1995) ensina, para que as sociedades sejam mais justas, é necessário que o acesso à cultura e especialmente à literatura, às bibliotecas e aos livros seja um direito. Para tanto, propõe-se a participação de mediadores culturais sensíveis ao trabalho em comunidades como uma possibilidade para contribuir com o diálogo entre as narrativas da tradição cultural e as subjetividades que participam do encontro com vistas ao diálogo, no qual os sujeitos, a partir de seus mundos, constroem significados das narrativas lidas ou contadas.

De acordo com os estudos de Michèle Petit na obra *Os jovens e a leitura* (2009), o mediador de leitura cumpre um papel fundamental, sobretudo no caso dos que não se sentem muito seguros a se aventurar nas leituras literárias devido a origem social, pois, “é como se, a cada passo, a cada umbral que atravessam, fosse preciso receber uma autorização para ir mais longe” (PETIT, 2009, p. 166). A mediação de leitura literária vai ao encontro de reconhecer o contexto dos diferentes grupos, possibilitando um espaço de compreensão de si e do outro, no exercício de alteridade e em busca de formar de leitores do mundo e das manifestações culturais próprias e alheias.

Este artigo problematiza o papel dos mediadores de leitura literária e qual a sua importância para democratização do acesso às narrativas de tradição cultural “outra”, relacionando-a com os saberes e histórias das comunidades. O artigo está organizado em três subitens: no primeiro, discute-se a literatura e suas potencialidades; o segundo se refere à mediação de leitura literária e as subjetividades implicadas na construção compartilhada de sentidos; por fim, discute-se a dimensão socializadora das trocas narrativas que propiciam o encontro intercultural.

Encontros entre narrativas e subjetividades: a potência da leitura literária

As concepções de que a leitura contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, por muito tempo são colocadas em discussão na sociedade, sobretudo, nas instituições de ensino. Entretanto, o que se percebe ao longo do tempo é que há um grande desafio para formar leitores literários que, para além de estarem cientes da importância da leitura como instrumento de acesso, identifiquem a experiência estética como um formas de promover uma sociedade mais justas e sensível ao “outro(a)”.

Faz-se importante, para tanto, pensar sobre o papel dos mediadores de leitura literária e suas práticas em diferentes contextos, já que a relação leitor - livro - contexto de inserção estão intrinsecamente relacionados como se pretende demonstrar. Primeiramente, torna-se significativo destacar como a literatura é entendida e quais os referenciais teóricos que sustentam a reflexão apresentada.

Acredita-se que a literatura favorece experiências de imaginar e criar novos mundos. Essas contribuições são discutidas na obra *El arte de la lectura en tiempos de crisis* (2009), de Petit, na qual reflete sobre o poder da leitura em espaços de crises e apresenta uma compilação de várias experiências de leitores inseridos em contextos diferentes (guerras, autoritarismo do Estado nazista, ditadura, cárceres etc.). Percebe-se, nos casos descritos pela pesquisadora, que a leitura ofereceu refúgio, e no processo de aproximação com as expressões artísticas, em especial, com a palavra, as histórias lidas aquelas pessoas encontraram caminhos para (re) construir-se.

Petit (2009) argumenta que, em certos momentos da vida, cada sujeito é um “espaço em crise”, sendo que desde o nascimento as pessoas estão em condição de fragilidade e essa persiste durante toda a vida e, no contato com a literatura, os sujeitos inseridos em contextos de extrema adversidade encontram recursos para (re)existirem:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros (PETIT, 2009, p. 266).

Reafirma-se assim a necessidade de que todas as pessoas tenham a oportunidade de viver a experiência com o material literário. Na mesma esteira, Teresa Colomer, na obra *Andar entre livros* (2007), ressalta que os livros têm o poder de transportar o leitor no tempo e no espaço, de levá-lo a conhecer outros modos de vida, mostrar-lhe realidades desconhecidas e proporcionar-lhe o eterno prazer de quem se senta do lado do viajante que regressa.

Colomer de alguma forma retoma a narrativa de Benjamin (1994) quando ele discute a diferença entre o narrador sedentário e o narrador viajante e reflete sobre a importância da narrativa e as possibilidades de enunciação do narrador no encontro em sentido agregador e (re) construtor das subjetividades.

Entende-se que além de ser um direito, as trocas narrativas são vividas e sentidas na imaginação e é na e pela linguagem que se constituem as subjetividades. Nesse sentido, a contadora de histórias Gilka Girardello (2011) contribui para a reflexão ao relacionar a imaginação e a criança. A imaginação é compreendida como um espaço de liberdade e de “decolagem” em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra novas experiências, por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza. Girardello delimita sua reflexão ao universo infantil, porém, entende-se que o encontro com a literatura desencadeia um olhar para si, independentemente de sua etapa de vida.

Em diálogo, Petit (2009) explica que, em contextos como em crises, os sujeitos podem (re) descobrir práticas imaginativas e perceptivas de reconstrução de si mesmo e reconhecerem a contribuição da literatura e das Artes na sua organização interna, na relação consigo e com o outro.

Na mesma perspectiva, Umberto Eco em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994), afirma o valor dos textos ficcionais e dos jogos:

E, assim, é fácil entender por que a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos. E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente (ECO, 1994, p. 137).

Eco pontua que, assim como as brincadeiras possibilitam à criança sonhar, imaginar, criar e recriar o seu mundo, o universo literário também favorece, por meio da imaginação sugerida pelo ficcional, a reflexão sobre as experiências vividas ou por vir.

Defende-se que a literatura proporciona um espaço para a percepção e reflexão, com abertura a novas possibilidades de viver e se, especialmente, ela for compartilhada em práticas de mediação de leitura coletivas, pode-se gerar um espaço significativo para o encontro intercultural entre seres e saberes. E é nesse espaço de reflexão proporcionado pela leitura ou ao ouvir uma história que o leitor transforma a história e é transformado por ela, quanto mais relações o leitor (ou grupo de leitores) consegue estabelecer, mas ele atuará sobre o texto no ato da leitura/escuta, na medida em que será capaz de preencher os espaços deixados pelos textos. Os “vazios” deixados pelo texto são oportunidades para construir sentidos compartilhados, exigindo um leitor (ou leitores)

ativo durante o processo perceptivo e interpretativo do texto literário. Petit (2008) adverte que:

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca onde isso poderá levá-lo (PETIT, 2008, p. 28).

Sendo assim, é possível compreender que quando uma obra do passado entra em contato com o leitor inserido em outro tempo, existe a possibilidade de emergir um novo significado para o narrado. Quando a obra passa de um contexto de produção para outro contexto de recepção, novos significados podem ser gerados. Os encontros narrativos entre gerações ou entre tempos/ espaços são possíveis em razão da plurissignificação própria dos textos literários.

A negociação de sentidos da/na leitura literária pode ser enriquecida pela presença da mediação, pelo trabalho daqueles/as que estabelecem “pontes” entre pessoas e histórias. O mediador de leitura é partícipe do diálogo dos leitores durante o contato com o desconhecido, com novos horizontes e nas palavras de Petit “tenho apenas a preocupação de fazê-los sentir que o papel do mediador de leitura é, a todo o momento, penso eu, o de construir pontes” (PETIT, 2008, p.212).

Diante dessas reflexões sobre a interação do leitor com o texto literário, considera-se o ato de leitura não apenas como uma operação intelectual abstrata, mas também de inscrição do sujeito em um espaço de percepção de si e dos outros. As narrativas se apresentam como uma possibilidade para multiplicar ou expandir a experiência subjetivas, por meio da vivência dos personagens ou desenhando novos cenários e tempos ou vislumbrando outros caminhos e mundos possíveis.

A mediação de leitura literária: de subjetividades a coletividades

A mediação de leitura literária intensifica a dimensão socializadora da literatura, pois implica diálogo, escuta, trocas de saberes e experiências. Segundo Colomer, compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, “estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia” (COLOMER, 2007, p. 147). Partindo dessas considerações, compreende-se que os encontros literários são capazes de mobilizar os sentidos – os olhares, os gestos, a voz e o corpo – dos sujeitos envolvidos na prática. Ao refletir sobre a importância da leitura compartilhada concorda-se com Colomer (2007) quando afirma que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (COLOMER, 2007, p. 143).

A ideia de mediação é usada em diversas acepções, sendo que historicamente tem sido associada ao exercício de resolver conflitos, ou seja, favorecer o diálogo entre partes. No que se refere especificamente à mediação de leitura literária, a proposta é aproximar, favorecer a possível interação do leitor com o texto (oral ou escrito). Destaca-se que o trabalho de mediação de leitura literária é especialmente significativo em contextos, nos quais os jovens leitores estão distantes do ambiente letrado. Há vários ambientes nos quais a mediação de leitura pode ser realizada, a biblioteca, a rua, livrarias, feira de livros, ou nas instituições de ensino, entretanto, cada ambiente requer uma forma de mediar distinta.

De acordo com Felipe Munita (2018), no contexto escolar e pedagógico, por exemplo, a mediação se relaciona principalmente com a proposta de Vygotsky que defende a influência do

ambiente externo para a aprendizagem. O papel do mediador de leitura é o ponto de contato do encontro com o livro (ou história contada) ou, nos termos de Vygostky, o mediador parte do nível de desenvolvimento real para o nível de desenvolvimento proximal. As práticas mediadas possibilitam que as pessoas criem o seu itinerário leitor e o mediador é que conduz a experiência a partir das conversas sobre as leituras. Os/as mediadores/as devem partir da percepção das realidades do grupo para oferecer novas experiências ou propiciar momentos de rememorar prazeres já vividos. Acredita-se que ao abrir espaço para esse diálogo é possível ampliar a escuta, procurando multiplicar ou expandir os repertórios e imaginário dos/as leitores/as. Com Petit reafirma-se:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial (PETIT, 2008, p. 154).

Em obra *Ouvir nas entrelinhas* (2012), Cecília Bajour explica o enfoque “Tell Me”, de Aidan Chambers (tradução em espanhol: *Dime – los niños, la lectura y la conversación*, 2007) e sugere que sejam elaboradas perguntas instigantes e condutoras do rumo da conversa. As perguntas devem despertar a imaginação, a interlocução entre os participantes e precisam criar pontes entre o repertório experienciado e as negociações de sentido geradas pelas “conversas literárias” (Chambers, 2007). Para tanto, recomenda a construção de perguntas amplas, as quais tendem a favorecer as diversas possibilidades de respostas, reafirmando a potência literária e a plurissignificação que a constitui. Não dar todas as respostas, não “fechar” as possibilidades interpretativas confere ao sujeito leitor a oportunidade de experienciar as histórias individual e coletivamente, fabulando sobre as possibilidades narrativas.

As construções de sentido da leitura compartilhada se dão na interação entre o/a mediador/a com o/a leitor/a e outros/as leitores em uma conversa horizontal, com vistas a abrir espaço para uma “boa escuta” e interlocução. Bajour (2012) destaca a importância da escuta:

Escutar, assim como ler, tem a ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda a sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo (BAJOUR, 2012, p. 24).

Esta concepção dialógica da leitura e da escuta se constituem como a essência das propostas das conversas literária e corrobora os sentidos da própria linguagem, das narrativas e das expressões literárias sejam elas escritas, orais, gráficas entre outras. É, a partir da escuta sensível e da relação intersubjetiva entre os participantes que é possível conhecer diferentes contextos e fomentar um espaço de encontro com o/a Outro/a, buscando a construção de sentido coletiva e democrática. Estabelecer essa ponte entre a leitura individual para o coletivo, apresenta-se como um caminho possível para formar (ou descobrir) leitores/as.

Conforme Colomer (2007), o antigo objetivo de “formar o gosto” é respondido de forma muito positiva ao compartilhar histórias, pois “comparar a leitura individual com a realizada por outros é o instrumento por excelência para construir o itinerário entre a recepção individual das obras e sua valorização social” (COLOMER, 2007, p. 144).

Ampliando essas ideias para além do ambiente escolar, considera-se que é por meio dos encontros realizados que o mediador de leitura pode contribuir para a formação de leitores, pois

muitas vezes o que lhes falta é alguém que apresente a literatura e dê acesso as narrativas da tradição cultural diferente das deles/as. Em espaços marcados por várias formas de preconceito, discriminações e empobrecidos materialmente, por exemplo, acredita-se que a literatura e as artes podem abrir espaço para a interação, para promover o debate e o encontro de ideias para agir no mundo.

Mediação Intercultural: o aqui e o de lá

Sociedades marcadas por desigualdades, crises econômicas e sociais e por todas as formas de preconceito, discriminação e racismos que afetam as mulheres e os homens negros, negras e indígenas, é necessário refletir e agir sobre as realidades para transformá-las. Acredita-se que a mediação de leitura ao colocar em evidência a dimensão socializadora das conversas literárias tem potencial para proporcionar momentos de troca de saberes e diálogos interculturais que contribuam para promover a sensibilização, o olhar para o outro/a, a valorização da diversidade étnica e cultural.

No entanto, entende-se que, uma aposta intercultural não é uma proposta unicamente para promover a valorização e o respeito às culturas silenciadas ou marginalizadas, ela exige uma postura ampla, pois significa também acolher o diverso. Conforme afirma Fleuri (2003), com o adjetivo “intercultural”, a complexidade não se reduz, mas adota-se esta terminologia sob a perspectiva de “compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada sujeito humano”. Esta postura implica, sobretudo, a troca positiva de saberes, o reconhecimento mútuo e o trabalho comum em diálogo com realidades socioculturais diferentes.

Pensar sobre a mediação de leitura literária a partir da perspectiva intercultural significa potencializar suas características como a ficcionalização e a simbolização, pois as expressões narrativa são capazes de promover um espaço de reflexão, sensibilização e conhecimento com o/a outro/a, possibilitando o encontro com o desconhecido ou com novas formas de ver e pensar o conhecido.

A mediação de leitura pode favorecer o encontro intercultural nos termos propostos, porque ela se apresenta como uma possibilidade para romper fronteiras, sendo capaz de tornar visível àquilo que nos une e não somente o que nos diferencia. Ao refletir sobre uma pedagogia intercultural no âmbito escolar, concorda-se com as reflexões apresentadas por Vera Maria Candau, que em sua obra *Construir ecossistemas educativos – reinventar a escola* (2012), enfatiza a necessidade de um processo de reconceitualização entre igualdade e diferença, isto é, a passagem da afirmação da igualdade ou diferença para a da igualdade na diferença. Assim sendo, entende-se que a promoção da interculturalidade por meio da literatura pode contribuir para a formação de uma cidadania ativa, com menos preconceitos, racismos e discriminações.

Embora as discussões de Candau (2012) estejam centradas, sobretudo, no ambiente escolar, é possível ampliar a proposta para pensar no papel dos mediadores de leitura em espaços formais ou não formais de educação. Isto significa que é importante que essas discussões sejam levadas também para além das instituições de ensino, uma vez que é fundamental a promoção da interculturalidade não só no ambiente escolar, mas também fora dos muros da escola. O mediador de leitura pode contribuir com esse propósito ao diversificar e expandir o repertório de leitura dos leitores em comunidades diversas, como bibliotecas comunitárias, aldeias indígenas, comunidades quilombolas etc., uma vez que “o confronto entre textos literários distintos oferece (...) a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural” (COLOMER, 2007, p. 31).

No livro *Sentipensar: Fundamentos e estratégias para reencantar a educação* (2004), os autores refletem sobre essa ideia do “Sentipensar” que é “o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento (MORAES; TORRE, 2004)”. A literatura é campo fértil entre a percepção e a cognição e a leitura compartilhada possibilita o encontro com a diversidade de sensações e opiniões em uma roda de participantes, acionando simultaneamente as duas formas de estar e ser em relação ao mundo e ao outro/a.

Considerando esta perspectiva, torna-se ainda mais evidente a necessidade da mediação de leitura em contextos diversos (e adversos) para que se estimule outras formas de agir sobre as realidades e a democratização do acesso às linguagens artísticas possibilita conhecer o próprio

(suas narrativas) e o alheio (ampliação de repertório), pois “o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade [...]” (COLOMER, 2007, p. 31).

Para Colomer (2007), a leitura é uma aprendizagem social e afetiva e a leitura compartilhada é a base da formação de leitores, que na perspectiva defendida se estabelece no encontro entre as formas de ser e de viver das comunidades. Justamente por ser uma aprendizagem social e afetiva, para cada contexto é necessário ouvir a comunidade e conjuntamente buscar formas de ler juntos/as. Uma condição fundamental é um agente cultural sensível para reconhecer as diversidades do grupo em seus modos de interagir e reagir. Cada sujeito e cada grupo têm suas singularidades e, a partir dos compartilhamentos de narrativas, as subjetividades moldam-se às construções e às negociações coletivas.

Neste ir e vir de argumentação e sensibilizações, há momentos de silêncio a ser valorizados, já que as diversas formas de expressão e compreender que a interação não acontece somente por meio do falar, mas também do olhar, do sorrir e do movimentar-se é fundamental ao desenvolvimento da experiência. Os silêncios comunicam e, segundo Bajour (2012), em contextos marcados pela exclusão ou por diversas formas de violência, reais e simbólicas, no balanço entre o dizer e o calar geralmente predomina o silêncio como refúgio, como resistência ou como alienação da própria palavra (BAJOUR, 2012, p. 20).

Em contextos em “crise” (Petit, 2009) ou empobrecidos materialmente, as ações devem criar laços e estabelecer cumplicidade com os/as participantes, propiciando espaços de troca de saberes, nos quais a confiança, a oralidade, a criatividade e a formas de ser e estar são partes constituintes da experiência. Contar/recontar/ouvir histórias são caminhos para formar (ou descobrir) leitores/as abertos ao/a outro/a, ao novo, aos desconsertos, às surpresas próprias dos sujeitos e da coletividade. No planejamento da proposta, conhecer o contexto do grupo é essencial, para que os diálogos propiciem a socialização, o debate de ideias, a negociação de sentidos e a reflexão sobre as formas de ser e agir no mundo.

As narrativas escolhidas para os encontros devem advir de uma conversa prévia, na qual as referências e desejos do grupo e as leituras do mediador externo à comunidade são negociadas. Para tanto, é importante que o/a condutor/a, além de ter clareza do grupo e do território no qual atua, tenha acesso às narrativas deste espaço e conheça outras histórias e possa estabelecer relações entre o repertório existente e aquele que será apresentado. Um dos objetivos do mediador de leitura literária é a ampliação do repertório de leitura, abrindo “portas e janelas” para novos mundos possíveis.

Em regiões marcadamente diversas, a visibilização dos traços étnicos e das práticas culturais são fundamentais no andamento das leituras e possibilitam as conversas literárias interculturais e aprendizagens mútuas. Cabe destacar a importância de os mediadores de leitura proporcionarem o acesso às obras literárias diversas e não selecionar apenas histórias que se limitem a uma visão monocultural, pois é importante compor um repertório, no qual os leitores possam reconhecer-se ou conhecer outras culturas, pois entende-se, como Walsh (2005) que:

No hay fronteras rígidas entre culturas o entre personas que pertenecen a distintos grupos culturales como que tampoco hay culturas puras o estáticas, sino divisiones dinámicas y flexibles en las cuales siempre hay huellas o vestigios de los “otros” en nosotros mismos” (WALSH, 2005, p.5).

Reconhecer que a identidade é movimento e que a diferença não deve ser temida ou invisibilizada seria um grande passo para uma sociedade mais integrada, antirracista e democrática. Afinal, a diferença é intrínseca a cada pessoa e deve caminhar ao lado do direito à igualdade. A diferença não pode ser utilizada para a aniquilação de direitos, ao contrário, ela precisa ser levada em consideração para a promoção de direitos, de forma que as leis, instituições de ensino e a sociedade trabalhem a igualdade na diferença e as comunidades (ou grupos) marginalizados possam assumir o papel de protagonistas para a transformação de suas realidades.

Considerações Finais

Os estudos apresentados neste artigo sustentaram a reflexão sobre a importância das narrativas e da democratização de acesso à literatura, além de oferecer elementos para os planejamentos de mediações de leitura e a sua potência para o encontro intercultural.

As obras de Petit (2009) relacionadas às possibilidades da literatura na construção subjetiva de leitores abriram caminhos para pensar sobre a importância da literatura e da mediação de leitura, sobretudo, nos contextos empobrecidos (ou em “crise”), para proporcionar momentos de interação, troca de saberes e de contato com as artes. A partir das reflexões da autora, foi possível entender como os mediadores podem contribuir para diminuir a distância entre os leitores e as narrativas, sendo que a literatura pode ser um “refúgio” e um trunfo nas mãos dos/as leitores/as.

Já as discussões apresentadas por Colomer (2007) contribuíram para compreender, o papel do mediador e sua efetiva ação para formar leitores literários. Por outro lado, Bajour (2012) evidencia o valor da “escuta” e da conversação literária para o êxito no trabalho com a literatura, sendo necessária para abrir significados e expandi-los. A partir dessas discussões foi possível reconhecer outros modos de interagir durante a mediação (o silêncio e o olhar, por exemplo) e que são tão expressivos quanto a fala. Essa sensibilidade para “ouvir nas entrelinhas” fez diferença durante a mediação e análise da prática para observar como as pessoas interagem, como elas constroem sentido e preenchem os espaços das narrativas ficcionais com referências de suas realidades e tradições culturais.

Esse processo de flexibilidade dos mediadores de leitura sobre seu papel em diversos contextos e a valorização do seu trabalho na/para a sociedade é de certa forma urgente se o que se pretende é contribuir com as mudanças de perspectivas e transformar as realidades. A construção coletiva de pensamento crítico e reflexivo, ou ainda, a formação de pessoas mais humanizadas, conforme a concepção de Cândido (1995), na qual a literatura humaniza, confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate e assim fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os espaços e conflitos sociais.

Considerando a existência do estado de opressão e a desigualdade de oportunidades, os mediadores de leitura podem contribuir para democratizar o acesso à literatura e dar a oportunidade, para que, a partir da leitura literária, as pessoas possam transgredir, reconhecer-se como oprimidos e encontrar na literatura formas de resistir. Entende-se que essa mudança de perspectiva e reconhecimento da importância da literatura e das artes em geral ainda é um caminho a ser construído e que a formação de leitores não depende apenas dos mediadores de leitura. No entanto, é preciso acreditar na potencialidade de nosso trabalho e não permitir que os sujeitos sejam privados do direito de acesso à literatura e às atividades culturais.

Referências

BAJARD Élie. **Da escuta de textos à leitura**. 2ª edição. São Paulo. Editora Cortez, 2007.

BAJOUR Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura**. 1ª edição. São Paulo: Pulo do Cato, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDAU, Vera Maria. **Construir ecossistemas educativos – reinventar a escola**. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANDIDO Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 3ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

- CANDIDO Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2006.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. 1ª edição. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1ª edição. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Teresa. **La constitución de acervos**. In: Rius, E, Halfon, D & Lizarazu, R (coord.). *Bibliotecas y Escuelas. Retos y posibilidades em la sociedade del conocimiento*. México, Editorial Océano, 2008.
- COLOMER, Teresa **El papel de la mediación en la formación de lectores**. Disponível em: <file:///D:/Desktop/AREA%20DE%20TRABALHO/El_papel_de_la_mediacion_en_la_formacion.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- CRUZ ROJA ESPAÑOLA. **El diálogo intercultural a través del arte**. Disponível em: <https://antropoart.files.wordpress.com/2014/03/el-dic3a1logo-intercultural-a-travc3a9s-del-arte.pdf> Acesso em: 31 mar. 2020.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa: Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso**; Tradução: Sonia Coutinho. 1ª Edição. São Paulo: Graal, 2011.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. 1ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- FITTIPALDI Martina. **La categorización de las respuestas infantiles ante los textos literarios. Análisis de algunos modelos y propuesta de clasificación**. Disponível em: <file:///D:/Desktop/AREA%20DE%20TRABALHO/OB_capito_Fittipaldi_2012-1(1).pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.
- FLEURI, Reinaldo M. **Intercultura e Educação**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02>. Acesso em: 25 dez. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jul. 2019.
- GOLDIN Daniel. **La invención del niño**. digresiones en torno a la historia de la literatura infantil y la historia de la infância. Disponível em: <file:///D:/Desktop/AREA%20DE%20TRABALHO/TEXTOS%20DISSERTA%C3%87%C3%83O/Daniel-Goldin-La-invinci%C3%B3n-del-ni%C3%B1o%20(1).pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- ISER, Wolfgang. **Interação do texto com o leitor**. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio

Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEIBRANDT, Isabela. **El aprendizaje intercultural a través de la literatura**. Disponível em: <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero32/aprendiz.html>. Acesso em: 26 dez. 2019.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. (1961). Tradução José Pinto Ribeiro, Lisboa - Portugal. Edições 70, 1988.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MORAES, Maria Cândida e TORRE, Saturnino de La. **Os fundamentos do Sentipensar**. In: MORAES, Maria Cândida e TORRE, Saturnino de La. *Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PETIT, Michele. **El arte de la lectura en tiempos de crisis**. 1ª Edição. Barcelona-España. Oceano Travesia, 2009.

PETIT, M. **A arte de ler como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ª São Paulo: Editora 34, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. (2000). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

WALSH, C. **La interculturalidad en la Educación**". Ministerio de Educación de Peru, Unicef, 2005. Disponível em: https://www.unicef.org/peru/_files/Publicaciones/Educacionbasica/peru_educacion_interculturalidad.pdf Acesso em: 18 fev. 2021.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.